

Empresa agrícola pode romper contratos

Mauro Zafalon

Com as torneiras do crédito fechadas, cerealistas e fornecedores de insumos podem quebrar acordos com produtores

Além disso, pequenos frigoríficos devem fechar as portas, e usinas de açúcar e de álcool, endividadas, podem ser incorporadas

A crise financeira mundial traz muitas incertezas para o produtor agrícola, mas pode ser ainda pior para pequenas e médias empresas do agronegócio.

O setor pode passar por uma situação bem diferente da vivida nos últimos anos, quando produtores romperam contratos com "tradings" e fornecedores de insumos devido à valorização das commodities na hora da colheita.

As torneiras do crédito fecharam e essa falta de liquidez pode levar alguns cerealistas e fornecedores de insumos a romper contratos com produtores; pequenos frigoríficos devem fechar as portas; e usinas de açúcar e de álcool, endividadas, podem ser incorporadas por outras.

"Acendeu a luz amarela e pode haver inadimplência de compradores", diz Anderson Galvão, da consultoria Céleres, de Uberlândia (MG). Algumas trocas de soja por insumos foram feitas com valor de US\$ 23 por saca no Centro-Oeste. Para março do próximo ano, as negociações de Chicago indicam valores próximos a US\$ 16.

Se essas empresas compradoras e fornecedoras de insumos não "travaram" (garantiram) esses mesmos valores para o período da safra, vão ter problemas para arcar com a diferença de US\$ 7 a US\$ 8 por saca que pagaram a mais pela soja. Sem crédito no mercado, podem ficar inadimplentes.

A falta de crédito afetará também pequenos frigoríficos. Os de grande porte compram o boi para pagar em 30 dias. Os menores, além de pagar mais pela arroba, pagam à vista.

Com a situação adversa, os pecuaristas vão preferir receber menos pelo boi ao entregá-lo aos grandes frigoríficos ou apenas vender à vista para os pequenos estabelecimentos.

Para comprar à vista, os pequenos vão recorrer aos bancos, mas não encontrarão crédito. "Se a crise for muito séria e perdurar, muitos poderão fechar as portas", diz José Vicente Ferraz, da AgraFNP.

Outro setor que está endividado, e deve sofrer com a falta de crédito, é o sucroalcooleiro. "O setor vai ter problemas, e as fusões, que estavam previstas para daqui a três ou quatro anos, devem ocorrer bem antes", diz o secretário de Agricultura paulista, João Sampaio.

A captação de crédito está mais difícil e o setor terá dificuldades para obter Adiantamento sobre Contrato de Câmbio, base do capital de giro.

Um analista do setor sucroalcooleiro diz que o problema é que as usinas fizeram muitos investimentos nos últimos anos devido às expectativas de crescimento da demanda. Agora, ao buscarem renovações para esses empréstimos, não terão dinheiro novo para isso.

Parte desses empréstimos foi feita por bancos médios, que também vão ter dificuldades de captar recursos para o repasse às usinas, afirma esse analista.

Gargalos

Há um consenso de que essa crise será seguida de uma recessão, o que deve afetar todos os setores da economia. Uma das vantagens do agronegócio é que o setor será o último a ser afetado, o que pode dar tempo para que empresas e produtores busquem melhores ajustes.

"Esse setor [o agronegócio] será o último a pagar a conta", diz o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes. Já houve queda nos preços, o fator especulação saiu do mercado e, mesmo que haja redução de demanda, a comida será a última a ser afetada, afirma Stephanes.

O ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues concorda que os alimentos podem ser o último setor a ser afetado, mas, diante dessa crise financeira, com reflexos graves na oferta de crédito, o produtor deve "botar as barbas de molho".

Ao analisar o cenário atual, Rodrigues avalia algumas certezas e outras possibilidades. Entre as certezas, está a de que o país está plantando uma safra extremamente cara, mas com forte redução de crédito.

O pior dos mundos, na avaliação do ex-ministro, será se a crise se alastrar e tiver reflexos também nos preços dos alimentos. O produtor estará plantando uma safra cara, sem crédito e com preços baixos.

Para Rodrigues, o produtor deve plantar tudo que for possível com recursos próprios e crédito barato, mas não deve arriscar o plantio com baixa tecnologia. Um contratempo trará prejuízo ainda maior.

Essa crise financeira vai ser marcante para o PIB do agronegócio brasileiro no próximo ano. Neste ano, praticamente não há efeito porque a produção já foi colhida e os preços tiveram relativa queda.

A avaliação é de Geraldo Sant'Ana Barros, coordenador científico do Cepea e professor da Esalq/USP. O setor terá problema de financiamento porque as empresas estão reduzindo sua exposição no Brasil. Não tanto pela situação brasileira, mas pela falta de recursos.

Artigos complementares:

Custos altos e falta de recursos impedem expansão agrícola

Ao fazerem as contas sobre custos e restrições de crédito, muitos produtores vão diminuir a área de plantio nesta safra. A área de soja subirá para 21,8 milhões de hectares, 2% acima da anterior.

A previsão era de crescimento de 5%, diz Anderson Galvão, da Céleres. "O produtor vive um problema de curto prazo, mas com boas perspectivas no médio. O desafio é se manter vivo nos próximos seis meses."

João Sampaio, secretário paulista de Agricultura, diz que o produtor vai ser muito afetado neste ano. A alta do dólar pode até compensar a queda das commodities, mas a redução de crédito será forte. A ajuda oficial representa apenas 25% da safra, e o fornecimento privado ficou ainda menor com a diminuição do crédito dos fornecedores de insumos.

Galvão concorda e diz que as "tradings" estão cautelosas e participando menos, principalmente devido à volatilidade (altas e baixas) dos preços no setor. Ao atingir US\$ 16 por bu- shel (27,2 quilos) neste ano, em Chicago, a soja fez essas empresas desembolsarem US\$ 15 por saca apenas para fazer ajustes nos contratos da oleaginosa.

Luís Carlos Guedes Pinto, vice-presidente de agronegócio do Banco do Brasil e ex-ministro da Agricultura, diz que a "situação de crédito está tranquila". Toda demanda está sendo atendida,

desde que esteja dentro da análise de risco e da capacidade de pagamento exigidas pelo banco, afirma ele.

Mas o crédito não será fator de redução de área a ser plantada, acredita Guedes. Para ele, um dos maiores problemas deve ocorrer no plantio de algodão, devido aos preços baixos.

Galvão concorda que a situação dos produtores de algodão seja crítica, mas porque 80% do financiamento vem das "tradings". No caso da soja, "a situação é menos boa do que já se mostrou", enquanto, no caso do milho, "a situação é ruim".

Impacto menor

No setor de carnes, José Vicente Ferraz, da AgraFNP, diz que a escassez de crédito "não deve ser impactante". O pecuarista não será afetado e a pressão sobre os produtores de frango e suíno será pequena.

Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 5 out. 2008, Dinheiro, p. B10.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais